

JOE BIDEN

PROMESSA DE PAI

UM ANO DE SOFRIMENTO,
ESPERANÇA E DETERMINAÇÃO



JOE BIDEN

PROMESSA DE PAI

UM ANO DE SOFRIMENTO,
ESPERANÇA E DETERMINAÇÃO

Tradução de Alexandre Raposo,
Bruno Casotti e Jaime Biaggio



Copyright © 2017 by Joe Biden
Discurso fúnebre © 2019 by Ashley and Hunter Biden
Publicado mediante acordo com Flatiron Books.
Todos os direitos reservados.

TÍTULO ORIGINAL
Promise Me, Dad

PREPARAÇÃO
Carolina Vaz
Stella Carneiro

REVISÃO
Ulisses Teixeira
Luiz Felipe Fonseca

DIAGRAMAÇÃO
Ilustrarte Design e Produção Editorial

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

B498p

Biden, Joe, 1942-
Promessa de pai / Joe Biden ; tradução Bruno Casotti, Alexandre Raposo, Jaime Biaggio.
- 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2020.
256 p. ; 23 cm.

Tradução de: Promise me, Dad
ISBN 978-65-5560-052-0

1. Biden, Joe, 1942-. 2. Biden, Beau, 1969-2015. 3. Pais e filhos - Estados Unidos - Biografia. 4. Presidentes - Estados Unidos - Eleições - 2016. 5. Vice-Presidentes - Estados Unidos - Biografia. I. Casotti, Bruno. II. Raposo, Alexandre. III. Biaggio, Jaime. IV. Título.

20-65990

CDD: 923.2

CDU: 929:32-057.177.11

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

[2020]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

CAPÍTULO UM

O Dia de Ação de Graças da família Biden

Os dias estavam ficando mais curtos, então a luz do sol já havia começado a sumir quando o portão de nossa casa temporária se abriu e nosso comboio avançou para além da cerca que contornava o Observatório Naval dos Estados Unidos, em Washington, D.C. Estávamos indo de nossa residência oficial no observatório para a Base da Força Aérea de Andrews, onde meus filhos e netos já se encontravam reunidos. Jill e eu estávamos ansiosos para vê-los em nossa viagem anual do Dia de Ação de Graças. A família se tornara um escape essencial em meus cinco anos e meio como vice-presidente; passar tempo com eles era como estar no olho de um furacão — um lembrete da tranquilidade e do ritmo naturais de nossa vida anterior, e da calma por vir quando terminasse meu período no poder. O trabalho vinha sendo uma aventura incrível, mas Jill e eu estávamos com saudade da época anterior à vice-presidência. Sentíamos falta de nossa casa em Wilmington. Sentíamos falta de fazer longos passeios de carro em que pudéssemos conversar à vontade. Sentíamos falta de ter controle sobre nossa agenda e nossos movimentos. Em última instância, feriados, férias e comemorações com a família haviam se tornado os respiros que restauravam alguma sensação de equilíbrio. E o restante da família parecia precisar desses intervalos tanto quanto nós dois.

Estivemos todos juntos alguns meses antes, em nossa viagem anual de verão para um dos parques nacionais. Mas cinco dias de caminhadas, rafting em corredeiras e longos jantares barulhentos na cordilheira Teton não haviam sido suficientes para os adultos, pelo visto. No último dia, Jill e eu estávamos em nosso chalé fazendo as malas para partir quando bateram à porta. Era nosso filho Hunter. Ele sabia que Jill e eu iríamos sozinhos para um retiro de quatro dias na praia, mas pensou que, como ele e a esposa tinham algum tempo livre, talvez pudessem ir junto. “É claro!”, respondemos. Cinco minutos depois, nosso outro filho, Beau, também bateu à porta. Seus sogros haviam concordado em cuidar das crianças. Talvez não nos importássemos se ele e a esposa se juntassem a nós na praia em Long Island. “É claro!”, respondemos.

Imagino que alguns pais podem se sentir passados para trás quando solicitados a desistir de aproveitarem um tempo sozinhos. No entanto, considere aqueles pedidos o fruto de uma vida bem vivida: nossos filhos crescidos *queriam* nossa companhia. Então tivemos mais quatro dias maravilhosos juntos na praia em agosto. Em novembro, contudo, havia também uma urgência perceptível — e um pouco inquietante — na necessidade de ficarmos juntos. Eu estava ciente disso quando parti ao lado de Jill para nossa escapada anual em Nantucket, para mais um Dia de Ação de Graças da família Biden.

Passamos pelos portões do observatório e senti que nossa limusine blindada — uma exigência do governo — fazia seu costumeiro giro suave na Massachusetts Avenue, onde o trânsito fora interrompido para abrir caminho para nossa viagem. Olhei de soslaio para o relógio digital bojudo postado no alto da pista como fizera talvez mil vezes desde que havíamos nos mudado para a residência oficial. Os números vermelhos brilhavam, marcando com perfeição metronômica: 5:11:42, 5:11:43, 5:11:44, 5:11:45. Aquele era o Tempo Preciso da nação, gerado a menos de cem metros de distância pelo Relógio Mestre do Observatório Naval dos Estados Unidos. O Tempo Preciso — sincronizado

em milissegundos — era considerado um imperativo operacional pelo Departamento de Defesa, que tinha tropas e bases em locais espalhadas no mundo inteiro. *5:11:50, 5:11:51, 5:11:52.*

Nossa limusine já estava acelerando ao sair da curva, com uma força abrupta que me jogou contra o encosto do assento de couro macio. O relógio logo ficou para trás, fora de vista, mas ainda marcando o tempo enquanto desaparecia — *5:11:58, 5:11:59, 5:12:00.* O comboio seguiu na direção sudeste, descendo por um lado do círculo em torno do observatório, e pudemos ver as luzes da residência oficial brilhando por entre as árvores desfolhadas. Estava feliz por dizer adeus à casa por alguns dias. Com nossa partida, muitos dos assistentes navais que tomavam conta de nós estavam livres para passar o feriado inteiro com suas famílias.

A procissão ganhou velocidade quando alcançamos a rodovia e nossa escolta de motocicletas afastou para o lado os outros viajantes. O comboio seguiu pela margem sul de Washington, permitindo a visão de monumentos e prédios públicos: o Cemitério Nacional de Arlington, o Lincoln Memorial, o Monumento de Washington — com a Casa Branca a distância —, o Jefferson Memorial, o Capitólio. Tenho servido em cargos eletivos nessa cidade desde 1973, 36 anos como senador e seis como vice-presidente, mas não me tornara indiferente à beleza e à importância desses marcos altivos, que agora tinham um suave resplendor de luz. Eu ainda enxergava aquelas vigorosas estruturas de mármore como representantes de nossos ideais, nossas esperanças e nossos sonhos.

Minha vida profissional em Washington me proporcionara uma sensação de orgulho e realização desde o primeiro dia, sentimento que não arrefeceu após quase 42 anos. A verdade é que, em 25 de novembro de 2014, eu estava tão animado e revigorado com meu trabalho quanto em qualquer momento de minha carreira, embora meu cargo atual fosse verdadeiramente curioso, devo admitir. Há uma flexibilidade estranha e singular nas responsabilidades de um vice-presidente. Em

termos estritamente constitucionais, o ocupante do cargo tem muito pouco poder. O vice é encarregado de dar o voto de minerva no Senado — algo que não fora convocado a fazer em quase seis anos — e de esperar para assumir se o presidente estiver de algum modo incapacitado. Um ocupante anterior ficou conhecido por ter dito que o cargo “não vale um balde de cuspe quente”. (Esta é a versão educada. Ele não disse “cuspe”.) O poder verdadeiro desse cargo é refletivo; depende quase todo da confiança do presidente.

Barack Obama me imbuíra de grandes assuntos para dirigir desde o começo de nosso primeiro mandato, e, quando me designou para supervisionar a Lei de Recuperação de 2009, as negociações de orçamento com o senador Mitch McConnell ou as relações diplomáticas com o Iraque, não ficou tentando me vigiar. Acredito que fiz meu trabalho bem o bastante para ganhar e manter sua confiança. Ele buscou meu aconselhamento com frequência no fim de 2014 e pareceu valorizá-lo, assim houve dias em que senti que estava em meu poder ajudar a inclinar o curso da história um pouquinho para melhor.

E, em algum ponto no comboio naquele entardecer, enquanto seguíamos com velocidade pelas ruas de Washington, um carro transportava o assessor militar vice-presidencial, que estava em posse da “bola nuclear”, algo que deveria estar sempre ao meu alcance. Eu era uma das poucas pessoas que tinham o controle dos códigos capazes de lançar um ataque nuclear sobre quase qualquer alvo no planeta. Portanto, um lembrete das sérias responsabilidades do cargo e da confiança depositada em mim estava ali, o tempo todo, 24 horas por dia, sete dias por semana.

Entretanto, apesar de tudo isso, apesar de minha posição, eu não tinha condições de fazer o que mais queria a caminho daquela semana de feriado: retardar o Relógio Mestre no alto da pista, fazer aqueles números vermelhos hesitarem, dar a mim mesmo, à minha família e, mais importante, ao meu filho mais velho uma pausa um pouco maior para respirar. Eu queria o poder de enganar o tempo.

* * *

A tradição de nossa família para o Dia de Ação de Graças em Nantucket começou em 1975 como um ato de diplomacia. Eu era um senador em primeiro mandato e pai solteiro de dois meninos — Beau tinha seis anos, e Hunter, apenas cinco —, e Jill Jacobs e eu havíamos começado a conversar seriamente sobre um futuro a dois. O Dia de Ação de Graças era o primeiro feriado em que Jill e eu passaríamos juntos. O problema era que tínhamos recebido convites demais. Meus pais nos chamaram para passar o dia com eles em Wilmington. Os pais de Jill queriam que fôssemos a Willow Grove, Pensilvânia. Os pais de minha primeira esposa, que morrera alguns anos antes com nossa filha bebê em um acidente de carro, queriam que levássemos seus netos para o norte do estado de Nova York e passássemos um fim de semana com eles. Qualquer que fosse a família que escolhêssemos, acabaríamos magoando alguém, o que era a última coisa que queríamos fazer. Eu estava no Senado certo dia daquele outono, explicando essa situação difícil ao meu chefe de gabinete, e ele disse: “Você precisa é de um Dia de Ação de Graças nuclear.” Ele estava querendo dizer apenas com a família nuclear. Só que Wes Barthelmes era de Boston, então o que ele disse, na verdade, foi “Dia de Ação de Graças nucle-aah”. Eu não tinha entendido muito bem o que ele tentou falar exatamente, até que Wes explicou que poderia ser mais fácil para todos se nós quatro — eu, Jill, Beau e Hunt — viajássemos sozinhos. Ele sugeriu a ilha de Nantucket, que ficava a uma hora de barca ao sul de Cape Cod. Não conhecíamos a área, mas decidimos ir em frente e fazer disso uma aventura.

Abastecemos meu Jeep Wagoneer com gasolina a 57 centavos o galão e amontoamos os meninos e o cachorro no banco de trás para o que seria provavelmente uma viagem de seis horas até a barca em Hyannis, Massachusetts. Bem, seis horas é tempo demais para dois meninos pequenos ficarem presos no banco de trás de um carro em movimento,

mas Jill já estava provando ser uma cuidadora talentosa. Ela apanhara todos os catálogos de brinquedos e de roupas que conseguira encontrar e os jogou no banco de trás quando Beau e Hunt começaram a ficar inquietos. Eles passaram horas folheando as páginas e começaram a fazer e aprimorar suas listas de presentes de Natal, para que tivessem algo para mandar para o Papai Noel, lá no Polo Norte. Jill pediu às crianças que pensassem com calma e tivessem certeza do que incluiriam na lista; não havia pressa.

Quando enfim chegamos, oito horas depois de sairmos de casa, Nantucket se revelou um local que valia a pena. Fazia bastante frio na ilhazinha no fim de novembro, mas podíamos sentir o cheiro forte do ar salgado do Atlântico. A ilha esvaziara na baixa temporada, então tivemos boa parte do lugar só para nós. A maioria dos restaurantes e das muitas lojas estava fechada. O centro era pequeno, talvez uns cinco quarteirões, mas passamos horas ali observando as vitrines e entrando nos estabelecimentos abertos para dar uma olhada. Conteí aos meninos que compraria um único presente para cada um deles naquela viagem — o que quisessem, dentro de limites razoáveis. Eles passaram algum tempo olhando. Beau gostou especialmente da Murray's Toggery Shop, a casa das famosas Nantucket Reds, calças de algodão feitas para desbotarem e ganharem um tom suave de rosa. Hunt se apaixonou pela Nobby Clothes Shop, cujo dono fez um alvoroço quando meu filho entrou na loja. Tivemos um jantar de Dia de Ação de Graças na Jared Coffin House, uma hospedaria de 130 anos construída quando Nantucket era um centro comercial da indústria baleeira, e depois nos sentamos junto à lareira para jogar damas. No dia seguinte, almoçamos em um restaurante chamado Brotherhood of Thieves, fomos ao pequeno cinema da cidade, jogamos futebol americano na praia e voltamos à cidade para assistir à cerimônia anual em que as luzes da árvore de Natal são acesas. Fizemos passeios de carro para explorar a ilha e, sempre que passávamos por uma torre de transmissão de rádio com uma grande luz vermelha no topo, eu avisava aos meninos para se abaixarem

no banco de trás e se esconderem do Monstro de Olhos Vermelhos. Passamos momentos tão bons que chegamos a dar uma olhada em uma casinha em estilo *saltbox* sobre as dunas da praia de Sconset. O preço pedido era alto demais para o salário de um senador em 1975, mas tiramos uma foto de nós quatro na varanda da casa, sob uma placa de madeira entalhada em que se lia SELVAGENS PARA SEMPRE. No caminho de volta a Delaware, eu já estava pensando em uma nova viagem para lá no ano seguinte.

Jill e eu nos casamos um ano e meio depois, e nossa filha, Ashley, nasceu quatro anos após nossas bodas. E o tempo pareceu correr mais rápido. Beau e Hunt se formaram no ensino médio e, depois, na faculdade de direito. Hunt se casou com Kathleen em 1993, e o casal teve três filhas. Beau se casou com Hallie em 2002, e eles tiveram uma filha e um filho. Jill e eu já não éramos apenas mãe e pai; éramos “Nana” e “Pop”. Ashley terminou a pós-graduação e se casou com Howard. E todo ano, mesmo depois que a família cresceu, passávamos o Dia de Ação de Graças em Nantucket — ou “Nana-tucket”, como nossos netos passaram a chamar, mesmo quando já eram mais velhos e sabiam o nome certo. A pequena viagem no Wagoneer se tornou uma caravana de dois ou três carros, com netos trocando de lugar na frota quando parávamos para descansar. Depois havia a correria maluca para pegar a barca, com direito a chocolate quente ou sopa de mariscos na travessia sobre a água. Tivemos alguns anos ótimos nesse período e alguns anos ruins, mas, o que quer que estivesse acontecendo, quaisquer que fossem os baques e as contusões que estivéssemos sofrendo, púnhamos tudo de lado e comemorávamos o Dia de Ação de Graças em Nantucket. A viagem no feriado sempre foi uma constante na vida de nossos netos, e os meninos deixavam claro como isso era significativo para eles. Bilhetinhos começavam a aparecer em nossa casa já em setembro, antes mesmo de as folhas começarem a mudar de cor, todos escritos pelas mãos das crianças: *Dois meses para Nana-tucket. Cinco semanas para Nana-tucket.* Alguns tinham desenhos das casas onde havíamos

nos hospedado ou da praia. *Duas semanas para Nana-tucket. Só cinco dias para Nana-tucket.*

As brincadeiras e os hábitos de nossas primeiras visitas à ilha se tornaram tradições imutáveis da família: fazer compras no centro, almoçar no Brotherhood, os passeios na praia com a bola de futebol americano na mão. Voltávamos àquela pequena casa em estilo *saltbox* todos os anos para fazer a foto da família sob a placa de SELVAGENS PARA SEMPRE. Essas fotos se tornaram uma marca do crescimento de nossa família, assim como os riscos que os pais fazem no batente da porta para registrar a altura dos filhos — primeiro, só nós quatro, depois cinco, oito, onze e, depois que o filho de Beau, Hunter, nasceu, em 2006, e que o marido de Ashley, Howard, ingressou na família, éramos treze.

As listas de Natal continuaram sendo a atividade mais trabalhosa da viagem do Dia de Ação de Graças, ano após ano; era um negócio cuidadoso, deliberado e sério. Ninguém se esquivava nem se apressava no empreendimento. Os catálogos geralmente chegavam no meio da viagem para o norte, em algum lugar entre a Tappan Zee Bridge e Mystic, em Connecticut. Mas isso era apenas o começo. Havia longas sessões após o jantar em qualquer que fosse a pousada ou casa em que estivéssemos hospedados. E só na noite seguinte ao Dia de Ação de Graças é que Jill fechava a negociação, e *todos* — crianças e adultos — tinham que apresentar a ela sua lista de Natal: no máximo, dez itens; no mínimo, dez itens. Invariavelmente eu ficava em apuros com meus netos ao fechar o negócio. “Pop só tem dois! De novo!”

Houve um pequeno empecilho no imenso empreendimento da lista de Natal, que foi eu me tornar vice-presidente em 2009. Naquele ano, o clã inteiro voou junto para Nantucket a bordo do *Air Force Two*, o que considereei uma mudança muito bem-vinda depois de todas aquelas horas pegando a estrada durante uma das semanas mais movimentadas do ano. Inclusive, cheguei a pensar que isso fosse agradar sobretudo os netos. Mas de avião leva-se pouco mais de uma hora da Base de Andrews até o aeroporto de Nantucket — o que se revelou um prazo

insuficiente para folhear os catálogos. Então, no voo de volta, depois que o feriado acabou e as listas de Natal daquele ano estavam seguras nas mãos de Jill, todos os meus netos entraram em minha cabine privada no *Air Force Two* — de Naomi, com quinze anos, a Hunter, com três. Eles haviam conversado, e a conclusão era unânime: aquele novo modo de viajar não funcionaria. “Pop”, falou Naomi em nome do grupo, “será que podemos voltar a viajar de carro no ano que vem?”

Imaginei que o chefe de meu destacamento do Serviço Secreto, ao considerar as preocupações com segurança, provavelmente não seria dobrado pelo poder do argumento da lista de Natal — por mais sincero que fosse.

Todos na família sabiam o que fazer em novembro de 2014; essa viagem marcaria nosso sexto voo para Nantucket a bordo do *Air Force Two*. Normalmente, viajavamos de carro para a Base de Andrews em veículos separados e nos encontrávamos na pista de decolagem. O resto da família já estava lá quando Jill e eu e chegamos após um percurso de 25 minutos até a base aérea. Nosso pastor-alemão saltou para fora do carro e correu pela pista, sem coleira nem nada. Champ estava mais do que acostumado: ele foi direto para a escada e subiu para entrar no avião. A escada que leva à porta de entrada do *Air Force Two* tem largura suficiente para duas pessoas e mais ou menos vinte degraus. Fiquei de olho em Beau quando ele subiu pelo lado esquerdo da escada. Meu filho mais velho estava um pouco mais magro do que quando nos vimos pela última vez, mas achei que talvez tivesse recuperado um pouco da força que perdera no braço e na perna direitos alguns meses antes. Subir aqueles degraus foi uma luta, mas ele insistiu em fazê-lo sozinho. Estava bem, dizia. Na verdade, eu não o ouvira reclamar uma única vez desde seu diagnóstico, recebido quinze meses antes. “Está tudo bem”, repetia sempre. “Melhorando a cada dia.” Eu tinha ordens estritas para jamais mostrar preocupação diante de *ninguém*. “Pai, não me olhe com

tristeza”, repreendera ele certa vez, quando me pegou observando-o. Ele havia sido firme: “Pai. Pai! Você entendeu? Não me olhe assim.”

Duas horas depois de embarcarmos no *Air Force Two* estávamos na casa de um amigo na ilha, escolhendo os quartos. Na questão da acomodação, a primogenitura era uma tradição familiar. Portanto, Jill e eu escolhíamos primeiro, em seguida Beau e Hallie, Hunt e Kathleen, Ashley e Howard, até chegar aos netos. A equipe de comunicação da Casa Branca já havia reivindicado o próprio quarto. Um vice-presidente pode deixar o escritório, mas o escritório nunca deixa um vice-presidente. A equipe de comunicação instalara uma linha de telefone segura para uma emergência ou chamadas internacionais e, por precaução, montara um sistema de videoconferência seguro ligado à sala de comando de emergência da Casa Branca.

Jantamos naquela noite de terça-feira, dois dias antes do Dia de Ação de Graças, e depois nos sentamos com os netos, que insistiram para que todos nós jogássemos *Mafia*, um jogo de detetive que podia ser jogado à mesa da sala de jantar. Depois que os menores foram dormir, os adultos ficaram por ali, contando velhas histórias de família. Meus dois filhos homens não me deixavam esquecer do dia, quase quarenta anos antes, em que fiz Beau comer uma maçã coberta de areia depois que ele a deixou cair, apesar de ter sido advertido a não levá-la para a praia. E lembra quando Beau e Ashley penduraram uma baqueta sobre o nariz de Hunt, para que fosse a primeira coisa que ele visse quando acordasse dos efeitos da comilança no banquete do Dia de Ação de Graças? E quando pulamos nas dunas pela primeira vez? Já passava da meia-noite quando Jill e eu enfim nos recolhemos. Estávamos felizes. A família se encontrava reunida em um lugar que nos trouxera só alegria por quase quatro décadas. Mas, antes de dormir, Jill e eu conversamos sobre certos ajustes que deveríamos fazer de acordo com as circunstâncias daquela viagem — talvez reduzir o ritmo de atividades por conta de Beau, embora soubéssemos que ele insistiria em não mudar nada. “Está tudo bem”, diria. “Está tudo bem.”

* * *

Ninguém falou isso em voz alta e nem precisava fazê-lo, mas aquele Dia de Ação de Graças parecia diferente, como se houvesse uma pressão a mais para *sermos autênticos*. Observávamos nossos antigos rituais com mais rigor. Dormimos até mais tarde na manhã de quarta-feira e ficamos na cama por preguiça, como sempre, até Nana incitar o grupo a sair. Fomos de carro ao centro da cidade, passeamos pelas mesmas ruas e entramos nas mesmas lojas que visitávamos havia quase quarenta anos. Cada membro da família já estava em busca do prêmio prefeito. Como fazia *todo ano*, comprei um presente para cada um. Fomos primeiro à Nobby Clothes Shop, como sempre, e o dono ouviu nossa chegada. “Onde está Hunt?”, perguntou Sammy, exatamente como fazia quando meu filho mais novo ainda era um menino tímido de oito anos, e não um homem crescido com uma filha na faculdade. Depois foi a vez de dar uma olhada na loja de Spyder Wright, um lendário surfista e designer de pranchas que conhecia meus filhos desde sempre; e a Sunken Ship, uma loja de souvenir que as crianças adoravam; e a Murray’s Toggery Shop.

Andamos em bandos, com pequenos grupos se dividindo para ir a lojas específicas. Os netos mais velhos levavam os mais novos a reboque. Eu queria parar no Hub para tomar café e talvez ler o jornal. Ashley e Jill desejavam ir à Nantucket Cashmere. Champ estava por conta própria para perambular com o grupo que lhe demonstrasse mais afeto. Passamos horas explorando os estabelecimentos, os telefones celulares zumbindo. *Você tem que vir aqui dar uma olhada em...* Meu médico da Casa Branca, Kevin O’Connor, que passara a fazer a viagem conosco desde o ano anterior, balançava a cabeça diante do espetáculo das compras. “Isso é o quê? Uns quatro ou cinco quarteirões de lojas?”, dizia ele. “Estou aqui há uma hora e já vi o lugar inteiro. O que vocês andaram fazendo esse *tempo todo*?”

Mas eu me sentia muito bem em estar de férias com o grupo de novo, fazendo algo que para a maioria das pessoas é corriqueiro. Nosso destacamento do Serviço Secreto manteve distância, então havia uma ilusão de liberdade real. Por um momento, tudo parecia bem. Tudo parecia normal.

Nosso progresso era retardado por pessoas que queriam um aperto de mão, um abraço ou uma selfie com o vice-presidente dos Estados Unidos. E eu não era a única atração. Beau Biden já era um astro em ascensão na política do Partido Democrata. Estava prestes a terminar seu segundo mandato como procurador-geral de Delaware e já declarara sua intenção de concorrer a governador em 2016. Seu anúncio deixara o campo livre; ninguém em Delaware estava preparado para desafiar Beau nas primárias democratas. Em geral, ele era considerado o político mais popular do estado, até mais popular que o pai. O povo de Delaware via nele o mesmo que eu: Beau Biden, aos 45 anos, era uma espécie de Joe Biden 2.0. Ele tinha o melhor de mim, mas sem os defeitos e as falhas de fabricação. E contava com Hunt o apoiando com a confecção dos discursos e os conselhos. Eu tinha certeza de que Beau poderia concorrer à presidência algum dia e, com a ajuda do irmão, vencer as eleições. Quando Barack e eu fomos reeleitos, em 2012, eu comecei a pensar com mais seriedade em me afastar após o segundo mandato e mudar o foco para o futuro político de Beau.

Não sei bem quando isso aconteceu, mas, em algum ponto ao longo do caminho, minha admiração por meus filhos ganhou uma nova dimensão. Eles eram homens bons e honrados que compartilhavam uma crença no serviço público e agiam movidos por esse ideal. Hunt passou o verão depois de seu primeiro ano na faculdade dando aulas de inglês para crianças em Belize, como membro do Jesuit Volunteer Corps (JVC). Logo após a faculdade, o trabalho no JVC o levou para Portland, Oregon, onde foi o responsável por um centro de serviços

de emergência em um bairro carente. Seu primeiro grande trabalho depois da graduação na Yale Law School foi como *trainee* executivo em um grande banco em Wilmington, onde logo subiu na hierarquia. Mas certa noite, alguns anos depois, ele me procurou e disse que precisava fazer algo mais significativo, então deixou seu cargo muito bem remunerado para assumir um trabalho no governo. No Dia de Ação de Graças de 2014, Hunt estava em seu terceiro ano como presidente do conselho do Programa Mundial de Alimentos dos Estados Unidos.

Beau tomara um caminho semelhante, impulsionado por seu forte senso de honra e dever. Ele se oferecera como voluntário — como civil pelo gabinete da Procuradoria-Geral dos Estados Unidos — para ir a uma zona de guerra no Kosovo a fim de ajudar essa república emergente a desenvolver seu sistema legal e seus tribunais. Ingressara na Guarda Nacional do Exército de Delaware aos 34 anos e insistiu em ir com sua unidade quando esta foi destacada para o Iraque cinco anos depois. Mas tivera que assumir com o Pentágono o firme compromisso de que tiraria uma licença como procurador-geral do estado para dedicar toda a sua energia às responsabilidades assumidas no Iraque. Meu filho fez isso de bom grado. Não posso dizer que fiquei feliz com o modo como ele saiu de seu caminho para se pôr em risco mais uma vez, mas tampouco me surpreendi. Cogitei lhe falar que ele já servira em um campo de batalha e tinha todo o direito de não querer fazer aquilo de novo. No entanto, eu o conhecia bem o bastante para saber o que ele diria: “Eu me inscrevi para isso, pai. Não posso decepcionar meu pessoal. É meu dever.”

Beau também estava determinado a ser um bom pai. Há uma história que circulou por minha equipe, algo que aconteceu em uma de nossas viagens anteriores a Nantucket: Beau voltava para casa com seu filho Hunter em um dos carros do comboio quando decidiu dar uma parada rápida na Murray’s Toggery para comprar um novo par de Nantucket Reds. Sua esposa, Natalie, brincava dizendo que Beau era conservador demais para usar aquelas calças extravagantes, mas gostava de saber que elas estavam em seu armário. Quando o carro de Beau se

afastou do comboio principal naquela manhã para retornar em direção à Murray, o pequeno Hunter gritou do banco de trás do carro: “Ei, motorista, você perdeu o lugar!”

“Por favor, pare o carro”, disse Beau a Ethan Rosenzweig, que dirigia. Ethan era o reitor de admissões da Emory Law, em Atlanta, mas gostava de trabalhar conosco, como voluntário, quando tinha tempo livre nos feriados. Ethan conhecia Beau há muito tempo e sabia quando ele estava incomodado. “Ei, Beau”, disse Ethan, “não foi nada. Ele não falou por mal.” Beau, no entanto, o exortou a encostar o carro. Queria que essa lição fosse registrada por Hunter. Ethan parou no acostamento, Beau saiu do carro e abriu a porta de trás para falar com o filho. “Olhe, Hunter”, declarou Beau, com firmeza, “aquele é Ethan, e ele é nosso amigo. Você nunca deve se referir a alguém como ‘motorista’. Não se dirija à pessoa pelo trabalho que ela faz. Não é educado. Está bem? Entendeu? Amo você, companheiro.”

Beau se manteve recluso em nosso primeiro dia em Nantucket. Seu destacamento do Serviço Secreto se tornara realmente eficiente para cercá-lo. Ele se cansava com facilidade e estava cada vez mais acanhado para interagir com as pessoas. Estava perdendo a sensibilidade na mão direita, que não tinha força suficiente para um aperto de mão firme, e vinha enfrentando um distúrbio chamado afasia. A radiação e a quimioterapia causaram algum dano na parte de seu cérebro que controlava a capacidade de nomear as coisas. Beau mantinha íntegra a capacidade cognitiva, mas tinha dificuldade para lembrar os nomes. Estava se esforçando muito para recuperar a força e reverter a afasia. Ia à Filadélfia quase todo dia para fazer uma hora de fisioterapia e terapia ocupacional e, depois, uma hora de fonoaudiologia, tudo isso além do tratamento de quimioterapia. Ashley o encontrava para lhe acompanhar nas sessões enquanto ele fazia exercícios de força e alongamento, ou enquanto percorria folhas com imagens para nomear os objetos.

Ashley o levava para comer fora antes de ele seguir para o expediente como procurador-geral. Ele queria provar a todos que podia lidar com aquilo e que estava progredindo. E eu acreditava nele.

O cérebro humano é muito ágil, e Beau estava literalmente treinando outras áreas próximas aos seus centros de fala para que assumissem a função perdida. O processo era lento, mas ele nunca demonstrava frustração. Ninguém na família, em seu círculo de amigos ou na equipe no gabinete da Procuradoria-Geral o via irritado ou desanimado. Era preciso apenas um pouco de paciência e algumas palavras a mais quando ele não conseguia lembrar a palavra *prefeito*: “Sabe, o cara que governa a cidade.” Ou o *pãozinho* que acompanhava o jantar. “Me passa, você sabe, aquela coisa marrom em que você põe manteiga.”

Parte da beleza do feriado da família em Nantucket era a maravilhosa privacidade a que nos reservávamos. O passeio sempre havia sido livre de telefones durante todos os meus anos no Senado. Eu não cuidava de nada que não fosse uma emergência, de modo que me dedicava exclusivamente aos meus filhos e netos. Mas essa foi a única tradição comprometida em 2014. Como vice-presidente, eu nunca estava completamente livre de trabalho, mesmo no Dia de Ação de Graças. Por exemplo, tive que deixar o passeio na cidade naquela quarta-feira e voltar para casa a fim de conversar, pela linha segura, com Arseniy Yatsenyuk, o primeiro-ministro da Ucrânia, que estava ansioso para me informar o que acontecera em Kiev naquele dia. Eu estivera na capital ucraniana quatro dias antes, e as coisas pareciam complicadas. O movimento iniciado pela Revolução da Dignidade, um notável protesto ocorrido em uma praça de Kiev chamada Maidan Nezalezhnosti, perdia forças. Os habitantes do país pareciam prestes a perder a luta por democracia e independência. O presidente russo Vladimir Putin usara a instabilidade da revolução de então como oportunidade para tomar, pela força militar, uma parte da Ucrânia chamada Crimeia, e mantinha a pressão. O mandatário enviara havia pouco tempo tanques e soldados russos para atravessarem a fronteira e

intimidar outras províncias na parte leste do país, e estava ameaçando cortar o abastecimento de gás natural da Ucrânia, o que desestabilizaria muito a já combalida economia do país. O recém-eleito governo democrático da Ucrânia corria um risco real de desmoronar sob os esforços de Putin.

Enquanto isso, o novo presidente da Ucrânia e o novo primeiro-ministro passavam por problemas recorrentes de confiança. O presidente Petro Poroshenko e o primeiro-ministro Yatsenyuk eram de partidos rivais, e as eleições haviam sido agressivas e polarizadas. Seus eleitorados permaneciam mais empenhados em marcar pontos políticos do que em governar. As facções de Poroshenko e Yatsenyuk desperdiçavam energia brigando entre si quando deveriam estar criando instituições e forças de segurança capazes de defendê-las de Putin. Os ucranianos ainda não haviam formado um governo de coalizão viável no fim de novembro, seis meses após Poroshenko assumir a presidência. Se não resolvessem aquilo logo, isso implicaria eleições antecipadas. O que, por conseguinte, resultaria em problemas. Agentes de Putin com certeza injetariam dinheiro nas campanhas de candidatos pró-Rússia e provavelmente eliminariam qualquer esperança de uma independência real na Ucrânia. E, assim, União Europeia e a Otan provavelmente abandonariam a Ucrânia, considerando-a uma causa perdida, e o país seria empurrado de volta à influência tóxica da Rússia. A bravura e o sacrifício de tantos ucranianos na Revolução da Dignidade não resultariam em nada.

Eu passara meses trocando telefonemas tanto com Poroshenko quanto com Yatsenyuk, tentando convencer cada um deles, em separado, a pôr a lealdade ao país acima da lealdade ao partido político. Eu investira dois dias inteiros em Kiev na semana anterior tentando fazer o presidente e o primeiro-ministro enxergarem o perigo de sua teimosa relutância em cooperar. Ainda estava trabalhando para resolver o problema ao sair de Kiev, em 22 de novembro, quatro dias antes. Yatsenyuk me telefonara quando eu estava partindo, e convidei-o para ir ao aeroporto comigo. Eu gostava de Arseniy. Ele era inteligente —

um economista com ph.D. —, mas não um acadêmico recluso. Era um líder jovem e sério que se importava profundamente que seu país fosse uma democracia plena, com fronteiras seguras. O primeiro-ministro de quarenta anos também tinha um traço de idealismo que eu apreciava, e, no trajeto de limusine até o aeroporto, apelei a essa característica. “Olhe”, falei a Yatsenyuk, “você precisa ficar ao lado de Poroshenko. Vocês têm que ser um time. Não podem seguir caminhos separados. Se novas eleições forem convocadas, vai ser um desastre. Vocês vão perder tudo. Estou lhe dizendo, Arseniy, você tem que dar um passo à frente. Tem que ser um grande homem. Você pode fazer isso. Vai ser difícil, mas tem condições de fazer isso.”

Ao falar comigo na linha segura naquela tarde, Yatsenyuk tinha uma boa notícia e queria que eu fosse o primeiro a saber. Ele me contou que os partidos rivais na Ucrânia haviam acabado de formar um novo governo de coalizão. Ele continuaria sendo primeiro-ministro, mas um aliado-chave de Poroshenko seria o presidente do novo Parlamento. Os dois também haviam concordado com uma agenda em comum para avançar. “Estou mantendo meu compromisso com você, senhor vice-presidente”, disse ele.

Eu me senti satisfeito no jantar aquela noite, com nós treze à mesa, trabalhando nas listas de presentes e sabendo que os partidos conseguiram estabelecer um novo governo em Kiev.

Acordamos na manhã do Dia de Ação de Graças e fizemos nosso Trote do Peru anual — uma corrida de mais de quinze quilômetros (para quem tivesse disposição) até o outro lado da ilha. Fiz a rota de bicicleta com alguns netos. Passamos parte do dia jogando futebol americano na praia. Mostrei ao jovem Hunter os barrancos onde seu pai e seu tio costumavam pular e trocar passes com a bola de futebol americano quando tinham a idade dele. Beau, Hallie e seus filhos cuidaram de tirar algumas boas fotos dos quatro juntos na praia. E fomos à casinha

em estilo *saltbox* para nossa foto anual, mas o terreno estava cercado por uma fita amarela da polícia. A casa tinha sumido, vítima de marés altas que vinham levando um metro ou mais do Barranco de Sconset a cada ano nas últimas duas décadas. Anos com tempestades fortes podem levar até dez vezes mais do que isso em certos lugares. SELVAGENS PARA SEMPRE ficara sem chão, e seu tempo se esgotara; fora varrida para dentro do Atlântico. A única coisa que restara era um pedaço da fundação.

Voltamos ao centro da cidade no dia seguinte ao de Ação de Graças, fazendo todo o possível para que estivéssemos no lugar certo ao entardecer para assistir à cerimônia anual em que a árvore de Natal de Nantucket é acesa. Beau havia pedido Hallie em casamento na cerimônia de 2001, e os dois se casaram na igreja de St. Mary, no coração da ilha, no ano seguinte. Hallie sempre suspeitou que essa foi a maneira de Beau de prendê-los para sempre ao Dia de Ação de Graças da família Biden. E funcionou. Eles estavam comemorando o 12º aniversário naquele fim de semana, e Hallie nunca faltara a um Dia de Ação de Graças. Mesmo no ano em que Beau estava no Iraque, ela insistiu para que todos nós mantivéssemos a tradição e fôssemos para Nantucket.

Enquanto fazíamos nosso passeio em família, me vi remoendo uma questão que começava a pesar sobre mim. Eu estava recebendo muitas perguntas, vindas de todos os lados, sobre concorrer à presidência em 2016. Até o presidente Obama me surpreendera ao perguntar diretamente sobre meus planos em um de nossos almoços regulares algumas semanas antes. Ele queria saber se eu havia pensado em todas as coisas que poderia fazer se *não* concorresse. E assegurou que, mesmo assim, eu poderia fazer diferença. Poderia montar uma fundação ou um centro de política externa, por exemplo. Poderia até fazer algumas coisas que nunca fizera antes — como ganhar algum dinheiro. “Mas você tomou uma decisão [sobre concorrer]?”, perguntou-me o presidente,

sem rodeios, do outro lado da mesa, em um pequeno espaço privado perto do Salão Oval. “Não”, foi tudo o que consegui dizer.

Em algum momento nas ruas de Nantucket, naquele dia, abordei a questão sobre 2016 com meus dois filhos. Tinha uma sensação de que eles não queriam que eu concorresse. Falei isso para eles, e Beau olhou para mim. “Precisamos conversar, pai”, disse ele. Então, quando voltamos para a casa naquela noite, nós três nos sentamos na cozinha e conversamos.

Eu sabia que havia muitos bons motivos para não concorrer, e a incerteza sobre a saúde de Beau era o maior deles. E eu realmente achava que meus filhos, cujas avaliações eu passara a valorizar e nas quais eu confiava, não queriam submeter a família à provação de uma campanha presidencial naquele momento. “Pai, você entendeu tudo errado”, falou Beau quando nos acomodamos na cozinha. “Você tem que concorrer. Eu quero que você concorra.” Hunter concordou. “*Nós* queremos que você concorra.” Conversamos durante uma hora. Eles queriam saber o que eu estava fazendo para me preparar e qual seria o momento certo para fazer o anúncio. Alguns de meus especialistas políticos argumentavam com firmeza que, se eu fosse concorrer, deveria anunciar logo, já no início de 2015. Mas acho que nós três queríamos um pouco mais de tempo para ver o que aconteceria com Beau. O momento da decisão não era crucial, meus filhos me disseram; eles só queriam que eu soubesse que eram a favor. Hunt ficou me dizendo que, de todos os potenciais candidatos, eu era o mais preparado e o mais capaz de liderar o país. Contudo, foi a convicção e a intensidade na voz de Beau que me pegaram desprevenido. Em determinado momento, ele disse que era minha obrigação concorrer, meu dever. *Dever* era uma palavra que Beau Biden levava a sério.

Quando embarcamos no *Air Force Two* para a viagem de volta naquele domingo, todos pareciam felizes. Os cinco dias haviam sido um suces-

so em todos os aspectos. Jill escondera as listas completas de Natal por segurança. Tinha sido um ótimo passeio. Nós dois — Jill e eu — chegamos ao Observatório Naval naquela tarde e subimos a imponente escada central até o segundo andar para nos acomodarmos nos aposentos que usávamos quando estávamos a sós. Era um espaço pequeno e meio atulhado, mas era nosso pedacinho de lar dentro de uma residência projetada em grande parte para uso público. Havíamos mobiliado a sala de estar com sofás de couro que combinavam com os de nossa biblioteca em Wilmington e alinhado as prateleiras com nossos livros favoritos e fotos da família. Havia uma mesinha em um canto que servia de mesa de jantar a dois, onde comíamos à luz de velas mesmo sob o persistente sol do verão.

Eu me sentei em nosso sofá, em um lugar da casa que parecia verdadeiramente pertencer a nós, para relaxar e refletir. Mas havia uma imagem que eu não conseguia tirar da cabeça. Continuava vendo a casinha de SELVAGENS PARA SEMPRE arruinada pela poderosa indiferença da natureza e pela inevitabilidade do tempo, não mais capaz de se manter de pé. Quase podia ouvir o estalo quando sua estrutura cedeu, podia visualizar a maré indo e voltando, arrastando-a sem piedade ou remorso até ela ficar à deriva e ser engolida pelo mar. Nenhum Dia de Ação de Graças jamais seria o mesmo. Peguei meu diário e comecei a escrever. Eu tinha, sim, um grande item para minha lista de Natal daquele ano, mas o estava guardando para mim: *ObsNac, 30 de novembro de 2014, 19h30. Em casa, chegando de Nantucket. Rezo para que tenhamos outro ano juntos em 2015. Beau. Beau. Beau. Beau.*

Em novembro de 2014, a família Biden se reuniu para o Dia de Ação de Graças. A data marcava uma tradição que os Biden celebram há mais de quarenta anos, uma pausa no que se tornou uma vida agitada, repleta de compromissos e submetida ao incessante julgamento público. O feriado, portanto, sempre foi uma folga bem-vinda, um momento de refletir sobre as bênçãos e provações que o ano havia trazido e sobre o que o futuro lhes reservaria.

Daquela vez, no entanto, a viagem foi diferente. Quinze meses antes, Beau, filho mais velho de Joe e Jill Biden, havia sido diagnosticado com um tumor maligno no cérebro, e sua sobrevivência já não era mais uma certeza. “Me prometa, papai. Me dê sua palavra que, não importa o que acontecer, você vai ficar bem”, foi o apelo do filho.

Joe Biden lhe deu sua palavra.

Promessa de pai narra os acontecimentos de 2015, o ano que viria a ser até então o mais importante e desafiador de uma vida e uma carreira extraordinárias. Como vice-presidente de Barack Obama, naquele ano Biden lidou com crises na Ucrânia, na América Central e no Iraque. Naqueles doze meses em que Beau travou até o fim a luta pela vida, o vice-presidente dividiu-se entre suas responsabilidades com o país e suas responsabilidades como pai e marido. Entretanto, até nos piores momentos, Biden foi capaz de se apoiar na força de seus profundos laços com a família, de sua fé e de sua verdadeira amizade com Obama.

Um livro escrito com emoção e vigor que nos mostra como a família e as amigadas nos sustentam e sobre como a esperança, o propósito e a ação podem nos guiar através da dor da perda em direção a um novo futuro.

SAIBA MAIS EM:

www.intrinseca.com.br/livro/995/